



Qual laço, onde não há relação?

Lucíola Freitas de Macêdo

Começarei pelos agradecimentos e com uma pequena inconfidência: tenho um especial apreço pelas parcerias na música: pela generosidade entre colegas de ofício; a multiplicidade inventiva através das quais as parcerias se formam, e ao trazerem à luz uma canção, se findam; por serem marcadas pela contingência - elas acontecem quando e onde menos se espera. Posso dizer, com um misto de alegria e gratidão, que tenho tido a chance de experimentar isto na parceria de trabalho com Helenice de Castro e Elisa Alvarenga. Com elas o trabalho flui! E a partir de então, com cada um dos que se juntou a nós (somos muitos!), na feitura desta Jornada 'fora de série'. Sou imensamente grata a cada uma e a cada um. Com vocês, os laços de trabalho se tecem, a cada passo, com uma leveza desejante, própria às parcerias musicais, um sopro de vida em meio a atmosfera sombria destes tempos adversos que estamos vivendo.

Não houve ainda tempo suficiente para amplas elaborações sobre o alcance dos efeitos da pandemia naquilo que concerne o laço social e as parcerias. Em nosso país, a catástrofe sanitária é potencializada pelo obscurantismo político, o que exige um esforço a mais, quando se trata pensar esse "duplo apocalipse", a partir do discurso analítico. Como será o laço social pós COVID-19? De que maneira as medidas de isolamento e o confinamento prolongado irão aí incidir? Como será a clínica com a fluidificação das fronteiras e a experiência inédita dos atendimentos online, na amplitude e intensidade a que esta situação nos compele? O que essa experiência poderá esclarecer sobre a transferência, quando o Outro se apresenta, de entrada, como rompido¹ e o Um dialoga sozinho? O que restará do mesmo, e o que advirá como radicalmente outro? É certo que a pandemia sulca a *atmosfera*, como diria Lacan², e com suas ranhuras, não seria demais imputar, entre seus efeitos, aquele de um corte epistemológico, quiçá, também quanto a prática analítica.

Além e aquém da pandemia – que por si só já se impôs como uma descontinuidade incontornável - porque falar de mutações do laço social, hoje? Corroborando com Lacan – quando na esteira de Freud, endossa a tese de que a psicologia individual, num sentido amplo, é também social; e ademais, que as relações de um indivíduo podem ser

¹ Cf. Laurent, E. Disrupções do gozo nas loucuras sob transferência. *Opção lacaniana*, n.79, São Paulo, Eolia, julho de 2018, p.52-73. Cf. também Brisset, F. A eclosão do Outro rompido, o toque de recolher e o analista como parceiro. In: *Correio Express*, n.17, 11?04/2020. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/11/a-eclosao-do-outro-rompido-o-toque-de-recolher-e-o-analista-como-parceiro/.

² Lacan, J. *Seminário 17, o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, JZE, 1992 p.152-153.

consideradas como fenômenos sociais³ - ao afirmar que “o coletivo nada é senão o sujeito do individual”⁴, como podemos ler, nas torções entre a clínica, a cultura e a política, os indícios de tais mutações?

Chamam a atenção, sobretudo na última década, as proporções tomadas pelos linchamentos virtuais, e a manipulação da opinião pública pelas *fake news*, o que no Brasil alavancou a crise da democracia representativa, incitando a truculência e o dogmatismo crescentes naquilo que vem se delineando no chamado “novo espaço público brasileiro”⁵. Tais fenômenos, não estão desarticulados, e mais que isso, parecem manifestações contemporâneas daquilo que Lacan aponta sob a égide de uma “segregação ramificada, reforçada, que se sobrepõe em todos os graus, não fazendo senão multiplicar barreiras”⁶.

A segregação ramificada da qual nos fala Lacan, na escala e magnitude que vemos hoje, seria uma derivação da “segregação estrutural”⁷, inerente à constituição do sujeito e à ordem simbólica, ou responderia a uma lógica diferente? Se a ordem simbólica se funda ao deixar algo fora dela, a ser simbolizado no interior, como ausente - quais são as consequências para o laço social da precarização desta operação, ou seja, da generalização, em larga escala na civilização, dos impasses quanto a efetivação da operação da expulsão primordial (*Austossung*)? Na falta desta operação, tudo indica que é o próprio sujeito quem é segregado como objeto de gozo.

Ademais, o que isto nos esclarece sobre a chamada ‘cultura do cancelamento’ e a generalização do ódio que lhe é tributária? E ainda, o que isto poderá elucidar sobre o ódio generalizado dirigido à figura masculina, por certo viés do feminismo contemporâneo, ao atribuir ao viril no homem, e por consequência, por meio de uma generalização, a todo e qualquer homem, um fator de dominação e violência? Será que esse ódio consistente e generalizado adviria como blindagem em face ao gozo não todo fálico, sendo justo o outro gozo o que se rechaça com a generalização do ódio e a ‘cultura do cancelamento’? Vale lembrar, “que o ódio está do lado de Eros”, sendo, “efetivamente, uma ligação muito mais forte com o outro; é um laço social eminente”, dirá Miller, em “Crianças violentas”⁸.

Minha hipótese é que a cultura do cancelamento possa ser pensada na vertente da segregação horizontal e ramificada, tributária da “evaporação do pai”. E o discurso identitário, como uma “mutação” contemporânea do discurso do Mestre, o que desdobrarei em um trabalho posterior⁹.

Outra questão crucial que se descortina a partir desta nova volta sobre o laço social, a fim de cernir suas mutações, concerne à vigência da fantasia em face às ficções igualitárias e ao

³ Freud, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. *ESB*, v. XVIII, p.91.

⁴ Lacan, J. *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. *Escritos*. Rio de Janeiro, JZE, 1998, p.213.

⁵ Cf. Bosco, F. *A vítima tem sempre razão?* São Paulo, Todavia, p.70-74.

⁶ Lacan, L. Nota sobre o pai. *Opção lacaniana*, n.71, São Paulo, Eolia, novembro de 2015, p.7.

⁷ Bassols, M. O bárbaro. Transtornos de linguagem e segregação. In. *Opção lacaniana online nova série*, ano 9, março/julho 2018, n. 25 e 26. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/texto2.html>.

⁸ Miller, J-A. Crianças violentas. *Opção lacaniana*, n.77, São Paulo, Eolia, agosto de 2017, p.26.

⁹ No caso do discurso identitário (S/ a / S1 S2), há uma dupla inversão entre os termos que ocupam o lugar do agente e o lugar da verdade e entre aqueles que ocupam o lugar do trabalho e o lugar da produção. Há, ademais, uma circularidade entre os lugares do discurso, ao invés de uma barreira de impossibilidade entre o lugar da verdade e o lugar da produção.

declínio do viril. A hipótese de Christiane Alberti¹⁰, que gostaria de trazer ao debate, é de que a fantasia não segue as variações dos discursos e suas mutações, permanecendo invariante, sendo isso o que constitui o seu paradoxo: como ficção, ela faz as vezes de uma verdade, mas ocupa o lugar de um real, permanecendo fixa, em razão de seu enraizamento no corpo de gozo.

A discussão sobre o lugar e a função do falo no último ensino de Lacan, também ganha aqui todo o seu alcance, pois ao nível do aparelhamento do gozo pelo sinthoma, o gozo fálico já não será o lugar da significação e da castração, mas do significante do gozo Um, impossível de negativar, cuja função será a de verificar o real.¹¹

O laço social, os discursos e a não-relação

Se com Freud, temos como fundamentos do laço social a lei e o traço de identificação ao pai da horda, e depois, ao líder (Cf. *Totem e tabu, Psicologia das massas*), Lacan propõe um novo regime do laço social, não a partir da identificação, mas a partir da fantasia e do gozo. Note-se que já em Freud, mesmo nas formas mais estáveis de grupo, há um ponto que se presentifica como ausência de limite, como um certo empuxo ao ilimitado.¹²

É a partir de “Radiofonia” e dos seminários 16 e 17, com a elaboração dos quatro discursos, que Jacques-Alain Miller deduz o que nomeia como “gozo discursivo”. Nestes seminários, Lacan não teoriza sobre a sociedade, ele prefere dizer do laço social, menos totalizante e mais plural que a sociedade. Não existe o Um da sociedade¹³, dirá Lacan, e sim a pluralidade do laço social. Com a postulação dos quatro discursos, ele preconiza a dimensão múltipla não apenas do campo discursivo, como também das diferentes modalidades de laço que daí advém, enfatizando a dimensão do gozo como primária e fundante daquilo que se concebe como laço social.

Ademais, quando lido a partir da teoria dos discursos, o laço social não é igualitário, mas *dominial*. O que isto quer dizer? Quer dizer que ao pensar o social em termos de identificação e gozo, tem-se no horizonte o assujeitamento ao significante mestre. Quer dizer também, que um discurso é uma forma de domínio, na medida em que ele “organiza um mundo”.¹⁴

No laço entre iguais, onde não há nenhuma espécie de hierarquia, prevalece a relação dual, os grupos de pares se nutrem da crença de que é possível gozar juntos, fusionados e em sintonia, como se fossem um mesmo corpo. Ou ainda, como um corpo que faz laço com outros corpos, para além das identificações, por meio de uma experiência comum de gozo¹⁵. Ao nível simbólico, por sua vez, entram as hierarquias, e com elas, a superação da relação dual¹⁶. Nessa perspectiva, o laço social poderá se equiparar ao simbólico, sendo a democracia, ao nível da política, “o que autoriza a pluralidade do laço social”¹⁷.

¹⁰ Alberti, C. O que resta de nossas fantasias? *Opção lacaniana*, n.75/76, SP, Eolia, maio 2017, p.73-76.

¹¹ Lacan, J. *seminário 23, o sintoma*. Rio de Janeiro, JZE, 2007 p.114.

¹² Laurent, É. Paixões religiosas do falasser. *Opção lacaniana*, n.75/76, SP, Eolia, maio 2017, p.38.

¹³ Miller, J-A. *Um esforço de poesia*. Buenos Aires, Paidós, 2016, p.162.

¹⁴ Miller, J-A. *Todo el mundo es loco*. Buenos Aires, Paidós, 2015, p.326.

¹⁵ Laurent, É. Paixões religiosas do falasser. *Opção lacaniana*, n.75/76, SP, Eolia, maio 2017, p.43.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Idem, p.171.

No *Seminário 17*, Lacan coloca a ênfase não nos efeitos de sentido que a permutação dos elementos num dado discurso produz ($S/, S1, S2, a$), mas no significante enquanto marca de gozo: “o que muda com a noção de discurso, é que a relação entre significante e gozo é tomada como primitiva e originária”¹⁸, pois o que se veicula na cadeia significante, é antes de mais nada, o gozo. As mutações dos discursos são também mudanças de regimes de gozo. Ao incluir o objeto a como um dos elementos da fórmula dos discursos, Lacan insere aí a dimensão pulsional, uma inovação que ninguém jamais havia proposto, antes dele¹⁹. A repetição significante se articulará, assim, ao gozo pulsional, como repetição de gozo. Desta maneira, a história da civilização, os discursos e a política, serão entrelaçadas por Lacan à história dos sintomas e às mutações dos regimes de gozo.²⁰

Se o paradigma do gozo discursivo é invariavelmente condicionado pelas relações entre significante e gozo, com o *seminário 20* e o paradigma da não-relação, tem-se uma inversão que incide sobre todo o percurso anterior de Lacan²¹. Pois bem, quais são as consequências desta mutação de paradigma sobre as formulações de Lacan sobre o laço social?

Com o paradigma da não-relação a linguagem passará a ser considerada como “um conceito derivado” em relação a *lalíngua*. O lugar do gozo, até então secundário em relação ao significante (sendo a linguagem e sua estrutura tomadas como um dado primário), sofrerá uma reviravolta. Ao tomar o gozo como fato primário, o Nome-do-Pai, o grande Outro, a relação entre significante e significado, e com isso a própria linguagem, serão a partir de então postulados como semblantes. O sexto paradigma ampliará a disjunção entre significante e significado, a uma disjunção entre o gozo e o Outro, entre o lado homem e o lado mulher (das fórmulas da sexuação), sendo justamente isso o que Lacan assinala com o seu “Não há relação sexual”. Com isso ele quer dizer que o gozo não provém do laço com o Outro, mas do regime do Um.

O laço social, em mutação

“No fim das contas, há apenas isto, o laço social”²². É assim que Lacan, no *seminário 20, mais ainda*, introduz a questão. Ele prossegue: “Eu o designo com o termo *discurso*, porque não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que *o laço social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante*”²³.

Pois bem, Lacan evidencia nestas linhas que o laço social é um assunto de linguagem, mas sobretudo, do modo particular como *a linguagem fervilha, ao imprimir-se no ser falante*. Ele não está se referindo aqui ao campo dos sentidos, dos significados, da tradição, nem mesmo ao fato dos discursos funcionarem como aquilo determina diferentes modalidades do laço social e dos regimes de gozo, mas sim, àquilo que da linguagem se alastra, infesta, pulula,

¹⁸ Miller, J-A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana online*, n.7, março de 2012. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf.

¹⁹ Vale lembrar que o debate epistêmico e político sobre o tema do discurso fervilhava no momento em que Lacan profere o seminário 17, ainda sob calor dos efeitos dos movimentos de 68 na França. M 1969, Foucault publica a *Arqueologia do saber*, retomando as relações entre saberes, poderes e discurso, retomando questões levantadas por Mijail Bajtin e de Antonio Gramsci nos anos 1920-30.

²⁰ Berenguer, E. Discurso y vínculo social, NEL Bogotá, 2009, p. 33-34.

²¹ Idem.

²² Lacan, J. *seminário 20, mais ainda*. Rio de Janeiro, JZE, 1985, p.74.

²³ Idem. (grifo nosso)

titila, ancorando o laço entre os falantes. Ou seja, do laço social concebido a partir de *lalíngua*. Interrogando, em seguida sobre o que é que aí se satisfaz.

Ao mesmo tempo que linguagem é convocada como “falta, defeito, alguma coisa que derrapa no que manifestamente é visado”, Lacan propõe uma fórmula: “*A realidade é abordada com os aparelhos do gozo*”²⁴. O gozo não é algo inefável, ele se aparelha com e pela linguagem. Mas sabem onde, alguns parágrafos adiante, isto irá desembocar? Na “*Outra satisfação*”, no não - todo, na inexistência da relação sexual. Então, a esta altura, nos perguntamos: como Lacan faz esta passagem?

Ao falar de discurso, Lacan esclarece: “O significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como laço”, e agrega: “...o laço – não podemos fazer outra coisa senão passar imediatamente a isto – é um laço entre aqueles que falam”²⁵.

Em *O aturdido*²⁶, escrito contemporâneo ao *seminário 20*, Lacan propõe uma passagem da lógica dos discursos à topologia. Neste momento, ele discorre: “Tenho a tarefa de desbravar o estatuto de um discurso”: e eu o situo pelo laço social ao qual se submetem os corpos que esse discurso *abitaño/ labitent*”²⁷. Há aqui o laço entre aqueles que falam, e os corpos que os discursos habitam. Ou seja, um acento sobre o *falasser*, e novamente, sobre *lalíngua*, “um conceito que vem anunciar que a palavra é da ordem da secreção, um fluido linguístico”, e o sintoma, um “acontecimento de corpo”, dirá Miller²⁸.

Lacan prossegue: “Minha empreitada parece desesperada... porque é impossível aos psicanalistas formarem um grupo. No entanto o discurso analítico (esse é meu desbravamento) é *justamente aquele que pode fundar um laço social purgado de qualquer necessidade de grupo*”²⁹. E agrega: “Direi que meço o grupo pelo que ele acrescenta de obscenidade imaginária ao efeito de discurso”³⁰.

A ênfase é posta sobre o corpo, enquanto os corpos são habitados pelo discurso. Não por qualquer um, mas por um discurso funda uma espécie paradoxal de laço: se trata aqui de um tipo de laço purgado da necessidade de grupo, ou seja, como aponta Jacques-Alain Miller em “*Teoria de Turim*”, trata-se de uma formação coletiva que coloca a solidão subjetiva em primeiro plano, e cujo laço se forja num paradoxo, pois não pretende fazê-la desaparecer. Muito pelo contrário, “*funda-se nela, a manifesta, a revela*”³¹. Esse laço é indissociável daquilo que uma experiência de análise ensina: “cada um está só – só com o Outro do significante, só com a sua fantasia,... só com seu gozo, êxtimo”³². Trata-se de um tipo de laço paradoxal, pois funda um coletivo de Uns sozinhos.

²⁴ Idem, p.75.

²⁵ Idem, p.43.

²⁶ Redigido em 1972, com a anterioridade apenas de alguns meses em relação ao início das lições do seminário 20, mais ainda, foi publicado somente em 1973, em *Scilicet*, n.4, p.5-52.

²⁷ Lacan, J. O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 2003, p.475.

²⁸ Miller, J-A. *Todo el mundo es loco*. Buenos Aires, Paidós, 2015, p.207-217.

²⁹ Idem. (grifo nosso).

³⁰ Lacan, J. O aturdido, p.475-476.

³¹ Miller, J-A. *Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola*. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf.

³² Idem.

Tais desdobramentos remetem à pergunta-título deste trabalho: qual laço, onde não há relação? Em “ O aturdido”, Lacan recorre a uma aproximação entre o ser falante e o que designa por *hetero*³³.

Para ele, o que está em jogo quando diz *hetero* não é o campo dos significantes e seus atributos, do gênero ou da anatomia, mas as dimensões do “*não-toda*” e do “*não há*”. Isto implica uma ausência de relação: S1 e S2, mulher e homem, vida e morte, não se complementam nem fazem par. Inscrevem-se na dimensão do que é vazio de sentido, mas não de gozo. Ao campo do Outro do significante, é dado apenas a apreensão mais ou menos fugidia das marcas, dos vestígios deste gozo informe, deslocalizado, que faz acontecimento no corpo.

É por isso que Lacan diz que o amor, “se é verdade que ele tem relação com o Um, ele não faz jamais sair de si mesmo”³⁴. Isso porque quando já não se está confinado a sua vertente narcísica, quando se experimenta isso no corpo, não se está no plano do dois que fazem um, mas do Um sem o dois. Do lado ‘dito’ mulher, o sexo “*não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo*”³⁵. O gozo fálico, por sua vez, é o obstáculo pelo qual o lado ‘dito’ homem “*não chega a gozar do corpo de uma mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão*”³⁶, e “*a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance de que ele goze do corpo de uma mulher,... de que ele faça o amor*”³⁷. O laço, então, é isso que se forja como suplência ao abismo da relação que não há³⁸.

Quando o amor acontece nessa frequência, ele faz ressoar outra coisa que não o sentido, a complementariedade, ou a tradição. Ele faz ressoar, desde o lugar de “*Mais ninguém*”³⁹, “o equívoco entre “*se amar*” e “*se mesmar*” no Outro que não existe”⁴⁰. Um amor sensível ao gozo não-todo, deslocalizado das zonas erógenas investidas pela fantasia, mas não o tempo todo. Destes que se sente, se sofre, se inunda, mas não se pode dizer, a não ser que com alguma sorte aconteça de dizê-lo, poeticamente: “*Se o mundo abrisse já, por sua vez/ Asas e pétalas/ não é bem, talvez, em flor/ que se desvela o que este amor*”... “*Se alguém pudesse erguer/ O seu Gilgal em Bethania.../ Que anjo exterminador tem como guia o deste amor?*”⁴¹.

Em 09.08.2020.

³³ Idem, p.464-470 e p.497.

³⁴ Lacan, J. *seminário 20, mais ainda*, p. 46.

³⁵ Lacan, J. *seminário 20, mais ainda*, p. 15.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem, p.97.

³⁸ Lacan, J. *seminário 20, mais ainda*, p. 90.

³⁹ Miller, J-A. *Todo el mundo es loco*, p.315-243.

⁴⁰ Brousse, M-H. Heterotismo – acerca do vazio, um modo de gozar no feminino, p.75.

⁴¹ Verso da música “Este amor”, de Caetano Veloso.